Banco de Portugal
EUROSISTEMA

NEWSLETTER
BIBLIOTECA

Publicação Trimestral

N.º 1 | Ano VII | janeiro 2014

ÍNDICE

Bibliotema: Risco operacional 1-7

Destaques 8

Novos recursos de informação 9-11

Análise de recursos eletrónicos 12

# BIBLIOTEMA | RISCO OPERACIONAL

*" Existe o risco que não podemos jamais correr, e existe o risco que não podemos deixar de correr."*

*Peter Drucker*

A gestão do risco pode considerar-se inerente à evolução da espécie humana e às transformações que esta operou no planeta Terra. Por exemplo, a adoção da posição ereta por um grupo de primatas aparentemente menos dotados do que outras espécies em termos de força ou rapidez, permitiu-lhes observar o meio envolvente a partir de uma posição mais elevada, diminuindo a sua vulnerabilidade a ataques por outros animais, bem como o risco de não encontrar alimentos, garantindo a sobrevivência da espécie. Assim, a evolução da Humanidade deve muito à capacidade para gerir os riscos associados a novos desafios.

A todo o momento o ser humano é confrontado com diversas situações que envolvem a tomada de decisões com diferentes graus de risco. Por outro lado, faz parte do senso comum a associação entre risco e recompensa (a noção de que "não há almoços grátis"). Assim, a consideração dos riscos é um fator determinante em qualquer processo de escolha. No entanto, a melhor decisão não é aquela que minimiza o risco, mas a que confere um melhor resultado para um determinado grau de risco.

Por exemplo, para atravessar a estrada, um peão, dada a sua vulnerabilidade, encontra-se em situação de risco. Tal não significa que não deva atravessar, mas antes que deve optar por atravessar numa passadeira, numa passagem para peões junto a semáforos ou em passagens protegidas superiores ou inferiores à via.

*Sabia que...*

A origem do termo *Risk* é derivado do Português?

O termo "risk" surgiu nos séculos XVI e XVII e é provável que tenha derivado do Espanhol ou do Português, onde era usado para se referir à incerteza inerente à navegação em águas desconhecidas. A partir do século XVI foi associado ao termo "risk" um sentido positivo, referindo-se a oportunidades de negócio como, por exemplo, com o significado de "ousar, empreender um negócio e aspirar ao sucesso económico".

A gestão de risco, enquanto disciplina autónoma, surgiu no princípio dos anos 60[1] e tem vindo a assumir um papel crescente no seio da sociedade e das organizações, com uma especialização em dois grandes ramos: o risco financeiro e o risco operacional.

[1] Nesta altura foram publicados dois artigos por Robert Mehr e Bob Hedges, dois professores da Universidade de Illinois: "Risk Management in the Business Enterprise", em 1963 e "Risk Management", em 1964.

Nas últimas décadas ocorreu uma série de eventos associados a uma gestão inadequada do risco operacional, que se traduziram em elevadas perdas financeiras e reputacionais, tendo inclusive colocado em causa a continuidade de algumas grandes instituições. Estes acontecimentos tiveram uma influência determinante na emergência do risco operacional.

Um dos casos mais conhecidos é o da Enron Corporation, companhia de energia americana, que declarou falência em 2001, arrastando consigo a Arthur Andersen, que fazia a sua auditoria externa. As investigações revelaram que a Enron tinha manipulado os seus balanços financeiros e escondera dívidas de 25 mil milhões de dólares, empolando artificialmente os seus lucros. A falência da Enron foi um exemplo de como os interesses da gestão de topo se sobrepuseram aos interesses dos investidores, credores e funcionários.

Outro caso ocorreu em 2002, quando o Allied Irish Bank anunciou uma perda de 691 milhões de dólares numa das suas subsidiárias americanas. Estas perdas resultaram da atividade fraudulenta de um *trader* no mercado cambial, John Rusnak, entre 1997 e 2002, período durante o qual desenvolveu um esquema que consistia na manipulação dos sistemas de avaliação do risco, na persuasão de colaboradores, em transações fictícias e na falsificação de confirmações de transações.

Em 2008, a Société Générale incorreu em perdas de quase 5 mil milhões de euros, causadas por transações não autorizadas realizadas por um único funcionário, Jérôme Kerviel, no que ficou caracterizado como uma das maiores fraudes da história do sistema bancário.

Estes são apenas alguns exemplos de **incidentes** que foram originados por diferentes eventos de risco operacional o que levou as instituições a reconhecer a importância da sua gestão através da adoção de uma abordagem sistemática, abrangente e proativa, tomando em consideração os vários componentes da organização: as pessoas, os processos, os sistemas, a governação, a cultura organizacional e o contexto externo.

*Sabia que...*

O cavalo de Troia foi um incidente de risco operacional?

O Cavalo de Troia foi um grande cavalo de madeira usado pelos gregos durante a Guerra de Troia como um estratagema decisivo para a conquista da cidade fortificada de Troia. Tomado pelos troianos como um símbolo da sua vitória, foi carregado para dentro das muralhas, sem saberem que no seu interior se ocultava o inimigo. À noite, os guerreiros saíram do cavalo, dominaram as sentinelas e possibilitaram a entrada do exército grego, levando a cidade à ruína.

O **Risco operacional** define-se assim como o risco de perdas ou impactos negativos financeiros, no negócio e/ou na imagem/reputação da organização, causados por falhas ou deficiências na governação e processos de negócio, nas pessoas, nos sistemas ou resultantes de eventos externos, que poderão ser despoletados por uma multiplicidade de eventos.

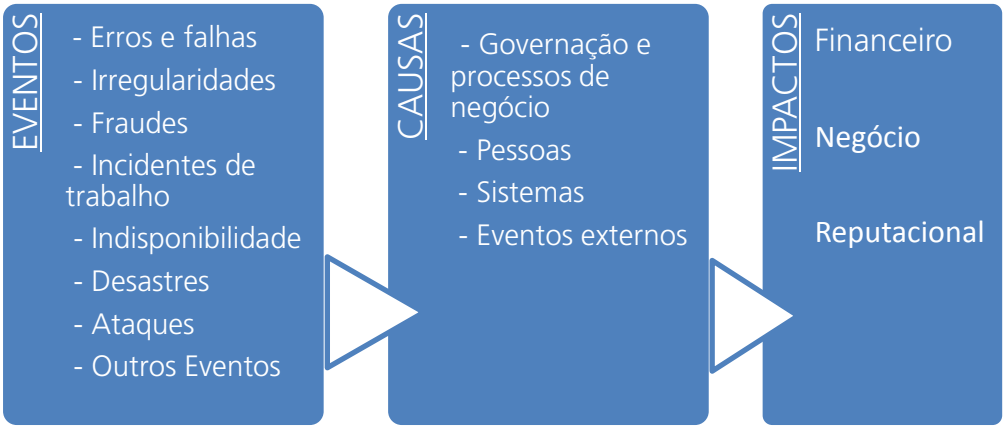



Figura 1 - Âmbito do risco operacional

A **Gestão do Risco Operacional** consiste no processo completo, contínuo e sistemático de identificar, analisar, responder, reportar e monitorizar os riscos operacionais, no sentido de:

- Identificar oportunidades de melhoria nos processos de negócio;
- Disponibilizar informação de suporte na tomada de decisões estratégicas;
- Reduzir os eventos "surpresa" e os respetivos custos operacionais;
- Identificar e gerir riscos múltiplos, apresentando respostas integradas aos diferentes níveis de risco;
- Transformar os riscos em oportunidades.



*Sabia que...*

## A origem da Gestão de Risco é milenar?

As bases para a atual noção de gestão de risco tiveram origem no 3º e 2º milénios AC. Os primeiros métodos de transferência e distribuição de risco foram praticados pelos comerciantes chineses que, para atravessarem os rápidos dos rios, distribuíam as mercadorias por vários barcos para diminuir as perdas em caso de naufrágio de um deles.

### Gestão do Risco Operacional no Banco de Portugal

O Banco de Portugal atribui grande importância à gestão do risco, quer enquanto entidade reguladora e supervisora do sistema financeiro, quer no que respeita à sua estrutura interna. Deste modo, o Banco procura seguir as boas práticas e princípios nesta área, nomeadamente em termos de independência, transparência, segregação de funções, visão global e gestão integrada dos vários tipos de riscos, financeiros e operacionais.

A gestão do risco operacional no Banco é efetuada pelo Núcleo de Gestão do Risco Operacional (NGRO) do Departamento de Gestão de Risco (DGR), em estreita colaboração com todos os departamentos do Banco, e com uma coordenação transversal no contexto da Comissão para o Risco e o Controlo Interno (CRCI).

O processo de gestão do risco operacional é dinâmico e contínuo, composto por quatro fases.

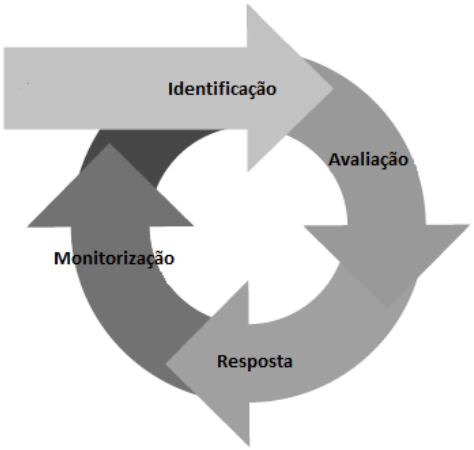



Figura 2 - Processo de Gestão do Risco Operacional

**1ª Fase:** Identificação

A primeira fase do modelo de gestão consiste em identificar todas as funções e atividades desenvolvidas pelo Banco: quem as executa, qual a sua finalidade e as suas interdependências.

**2ª Fase**: Avaliação

A segunda fase consiste na identificação e avaliação de riscos inerentes às funções e atividades do Banco, efetuada pelos respetivos departamentos, através de uma caracterização de cada um dos riscos, em termos de impacto e verosimilhança/frequência dos eventos de risco.



A identificação de riscos é feita recorrendo a várias fontes:

- Reuniões de trabalho para a identificação dos riscos associados às funções;
- Registo e posterior **análise dos incidentes ocorridos**;
- Informação recolhida nas auditorias internas e externas;
- Modelos específicos para identificação e análise de riscos, como por exemplo, risco operacional dos sistemas de informação e risco reputacional;
- Participação em grupos de trabalho de âmbito interdepartamental e do Eurosistema.

*Sabia que...*

## A análise de incidentes contribui para um maior nível de segurança na aviação?

Na aviação, um dos elementos extremamente importantes para a melhoria contínua dos índices de segurança é a investigação de acidentes. Este elemento permite identificar deficiências e propor ações corretivas (as chamadas recomendações), para que eventos semelhantes não se repitam.

**3ª Fase**: Resposta ao risco

Com base nos riscos identificados e respetiva caracterização são efetuadas propostas de atuação, definidas de acordo com a política de tolerância ao risco do Banco, aprovada pelo Conselho de Administração.

Esta fase tem como objetivos:

- Identificar possíveis medidas de mitigação, que permitam reduzir o nível de risco ou diminuir os impactos e/ou a verosimilhança da sua materialização;
- Focalizar as medidas de mitigação, em função do grau de risco;
- Otimizar os processos através de ganhos de eficiência e eficácia.

*Sabia que...*

## O provador de comida é uma medida de mitigação?

Líderes mundiais, desde Cleópatra ao americano Barack Obama ou ao iraniano Mahmoud Ahmadinejad, têm os alimentos que consomem fiscalizados, nas refeições privadas ou públicas. A moda de envenenar as pessoas à mesa esteve em voga no Renascimento.
Os provadores da época eram dotados de extrema habilidade para detetar as substâncias perigosas que se ocultavam em comidas e bebidas.



**4ª Fase**: Monitorização

Esta fase consiste:

- Na definição e acompanhamento de indicadores de risco (*Key Risk Indicators*) com o objetivo de monitorizar o nível de risco;

Uma das principais fontes de monitorização do risco consiste no registo e análise de incidentes. Um incidente consiste na materialização de um evento de risco que provocou, ou podia ter provocado, um impacto negativo na organização, originando, designadamente, perdas financeiras, erros, interrupções ou prejuízos na prossecução dos objetivos de negócio ou degradação da imagem e reputação do Banco.

A análise sistemática dos incidentes é essencial para evitar a sua repetição, sendo para tal fundamental o seu registo.

O objetivo é promover a aprendizagem pela experiência, através da identificação, partilha, mitigação e antecipação dos incidentes ocorridos.

- Na manutenção de um processo de gestão de risco dinâmico e contínuo, através da atualização dos fatores internos e externos inerentes, com o objetivo de manter atualizado o perfil de risco da instituição.

*Sabia que...*

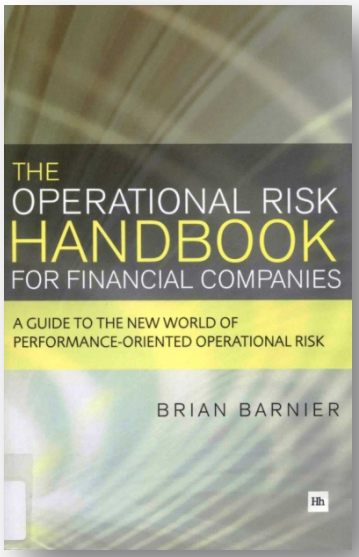
## O Banco de Portugal dispõe de uma ferramenta para o registo de incidentes?

Encontra-se disponível na intranet um formulário para o registo de incidentes acessível a todos os colaboradores. Pretende-se que sejam identificados de forma sistemática, todos os eventos de risco que têm, ou poderiam ter, impacto negativo (financeiro, de negócio e reputacional) nas funções de negócio do Banco. Cada incidente é caracterizado pela função e subfunção em que se materializa, pela respetiva causa e evento de risco e nível de impacto.

BARNIER, Brian

## The operational risk handbook for financial companies: a guide to the new world of performance-oriented operational risk

Petersfield: Harriman House, 2011. 242 p.
ISBN 978-0-85719-053-6




No prefácio, o autor identifica as três principais razões pelas quais a gestão do risco operacional é tão importante no panorama financeiro: em primeiro lugar, sem uma gestão eficaz do risco operacional as operações deixarão em breve de se realizar e sem elas não há negócio; por outro lado, as atividades operacionais permitem gerar lucros e diminuir perdas, o que estimula uma gestão do risco operacional mais cuidada; e, por fim, as obrigações regulamentares transformam a gestão do risco operacional numa atividade obrigatória e não opcional.

Ao longo do livro, Brian Barnier descreve diversas formas de avaliar, controlar e monitorizar riscos operacionais que surgem no contexto financeiro, utilizando técnicas já aplicadas noutras áreas. O autor encara a gestão do risco operacional como um elemento essencial na procura da excelência, tornando mais seguras as movimentações num ambiente em constante mudança como é o caso do mundo financeiro. No entanto, recorda que a avaliação dos riscos se tornará irrelevante caso os líderes não sejam capazes de implementar novos processos que os limitem ou eliminem.

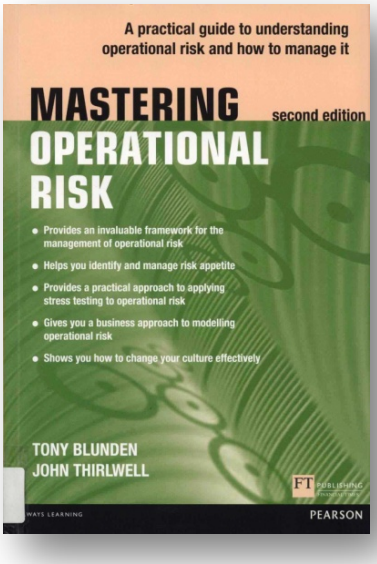
A abordagem prática deste livro, alicerçada numa breve mas essencial base teórica, transforma-o numa ferramenta muito útil para todos aqueles que lidam diariamente com a gestão do risco operacional.

---

BLUNDEN, Tony; THIRLWELL, John

## Mastering operational risk: a practical guide to understanding operational risk and how to manage it

Harlow: Pearson, 2013. 345 p.
ISBN 978-0-273-77874-5




Blunden e Thirlwell são peritos reconhecidos na área da gestão do risco no setor financeiro e referem neste livro como a gestão do risco operacional é fundamental para qualquer negócio, estando relacionada com praticamente todos os processos que envolvem a empresa. O risco existe em qualquer atividade ou processo, quer sejam processos internos, pessoas, sistemas, acontecimentos externos e até riscos estratégicos e de reputação.

A área de gestão do risco evidenciou-se na década de noventa do século vinte, no contexto dos serviços financeiros que envolviam atividades de risco. No entanto, o seu raio de ação rapidamente se estendeu a todos os setores.

Ao longo dos capítulos, os autores fazem uma abordagem prática desta temática, definindo os conceitos, apresentando estudos de casos e construindo cenários que permitem a utilização de técnicas de gestão de risco e a sua aplicação à gestão dos negócios, seguindo uma metodologia para a implementação de um programa de gestão do risco operacional.

"Mastering operational risk" é um guia para a gestão do risco e os autores definem-no como um livro escrito por profissionais para profissionais, que deve estar sempre à mão de qualquer gestor.

## LIVROS

GIRLING, Philippa X.
**Operational risk management: a complete guide to a successful operational risk framework**
Hoboken: John Wiley & Sons, 2013. 328 p.
ISBN 978-1-118-53245-4

HULL, John C.
**Risk management and financial institutions**
Hoboken: John Wiley & Sons, 2012. 643 p.
ISBN 9781-118-26903-9

KING, Mervyn J.
**Backoffice and operational risk: symptoms, sources and cures**
Petersfield: Harriman House, 2010. 330 p.
ISBN 978-1-906659-36-3

ROGGI, Oliviero; GARVEY, Maxine
**Risk taking: a corporate governance perspective**
Washington: IFC - International Finance Corporation, 2012. 60 p.

SCANDIZZO, Sergio
**Risk and governance: a framework for banking organisations**
London: Risk Books, 2013. 207 p.
ISBN 978-1-906348-87-8

TATTAM, David
**A short guide to operational risk**
Farnham: Gower, 2011. 256 p.
ISBN 978-0-566-09183-4

## ARTIGOS

ANGHELACHE, Gabriela; OLTEANU, Ana Cornelia
**Operational risk modeling**
"Theoretical and Applied Economics", 2011. v. XVIII, n. 6, p. 63-72

CHAUDHRY, Mo
**A review of the key issues in operational risk capital modeling**
"The Journal of Operational Risk", Fall 2010. v. 5, n. 3, p. 37-66

ERGASHEV, Bakhodir A.
**A theoretical framework for incorporating scenarios into operational risk modeling**
"Journal of Financial Services Research", Jun 2012. v. 41, n. 3, p. 145-161

GALLOPPO, Guiseppe; ROGORA, Alessandro
**What has worked in operational risk?**
"Global Journal of Business Research", 2011. v. 5, n. 3, p. 1-17

JEDNAK, Dejan; JEDNAK, Jovo
**Operational risk management in financial institutions**
"Management: Journal for Theory and Practice Management", 2013. n. 66, p. 71-80

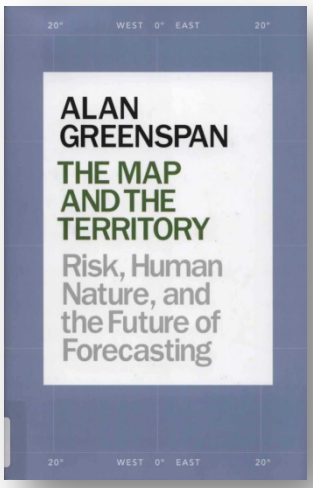
KARAM, Elias; PLANCHET, Frédéric
**Operational risks in financial sectors**
"Advances in Decision Sciences", 2012. v. 2012. p. 1-57

OLIVEIRA, Jonas; RODRIGUES, Lúcia Lima
**Risk-related disclosure practices in the annual reports of Portuguese credit institutions: an exploratory study**
"Journal of Banking Regulation", 2011. v.12, n. 2, p. 100-118

PLUNUS, Séverine; HÜBNER, Georges
**Measuring operational risk in financial institutions**
"Applied Financial Economics", Sep. 2012. v. 22, n. 16/18, p. 1553-1569

STURM, Philipp
**Operational and reputational risk in the European banking industry: the market reaction to operational risk events**
"Journal of Economic Behavior & Organization", Jan 2013. v. 85, p. 191-206

WANG, Tawei; HSU, Carol
**Board composition and operational risk events of financial institutions**
"Journal of Banking & Finance", Jun 2013. v. 37, n. 6, p. 2042-2051




GREENSPAN, Alan

## The map and the territory: risk, human nature, and the future of forecasting

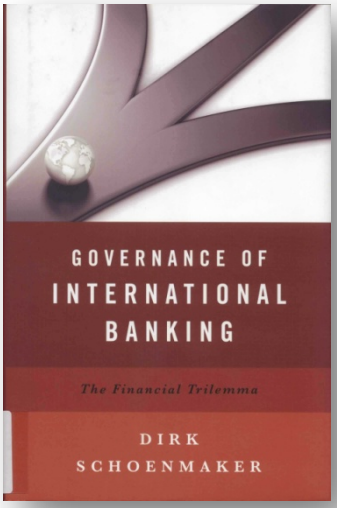
London: Allen Lane, 2013. 388 p.
ISBN 978-0-241-00359-6

A crise financeira de 2008 e a profunda recessão que lhe sucedeu obrigaram todos os agentes económicos a questionar os pressupostos relativos à gestão do risco e aos métodos de previsão económica universalmente aceites. Neste contexto, Alan Greenspan é uma das vozes mais respeitadas e reconhecidas, tendo sido presidente da Reserva Federal dos Estados Unidos da América desde agosto de 1987 até ao final de janeiro de 2006.

Greenspan defende que os métodos de previsão utilizados no passado falharam por não incluírem aspetos relacionados com o comportamento humano como a euforia, o medo, o pânico ou o otimismo. A inclusão destes fatores (que Greenspan refere como "animal spirits") originaria uma melhoria significativa na eficiência das previsões económicas bem como dos modelos de gestão de risco.

A explicação do autor para o colapso do sistema financeiro de 2008 difere da apresentada pela maioria da opinião pública. Nas palavras de Greenspan não foi a "desregulamentação" mas sim o falhanço do sistema regulatório existente que levou à falência da Lehman Brothers e à posterior derrocada do sistema financeiro global.

A clareza da exposição aliada à capacidade do autor em tornar assuntos complexos em matérias acessíveis a todos os leitores, torna este livro bastante útil para todos os interessados em compreender melhor o funcionamento dos mercados financeiros bem como as falhas que aí ocorrem.




SHOENMAKER, Dirk

## Governance of international banking: the financial trilemma

Oxford: Oxford University Press, 2013. 178 p.
ISBN 978-0-19-997159-6

Neste livro, Schoenmaker analisa o complexo cenário da atividade bancária internacional que, segundo ele, constitui um "trilema financeiro", tendo como vetores a estabilidade financeira, a integração financeira internacional e o controle de cada país sobre os seus bancos. O autor conclui que a estabilidade financeira e as políticas nacionais de supervisão não podem coexistir com economias abertas e bancos internacionais.

O sistema financeiro internacional coloca, assim, diversos desafios de governança aos poderes soberanos. Os mercados e as instituições financeiras funcionam a uma escala global, aplicando normas internacionais, enquanto os poderes soberanos são definidos a nível nacional e funcionam com regras nacionais, podendo gerar incompatibilidades e tornando o sistema financeiro internacional vulnerável às crises.

Sempre numa linguagem clara e acessível, o autor apresenta diversas soluções de governança às autoridades que promovam a cooperação e harmonização da regulamentação em matéria de supervisão dos bancos nacionais e apoio em situações de desequilíbrio financeiro na banca internacional.

Este é um livro indispensável para professores, alunos de diversos graus de ensino, profissionais da finança e políticos.

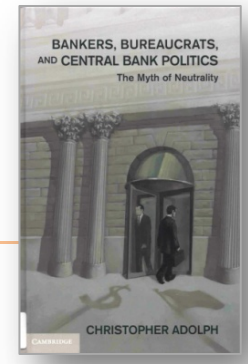
# NOVOS RECURSOS DE INFORMAÇÃO

ADOLPH, Cristopher

**Bankers, bureaucrats, and central bank politics: the myth of neutrality**

Cambridge: Cambridge University Press, 2013. 357 p.

ISBN 978-1-107-03261-3




ANHEIER, Helmut K.

**Governance challenges and innovations: financial and fiscal governance**

Oxford: Oxford University Press, 2013. 295 p.

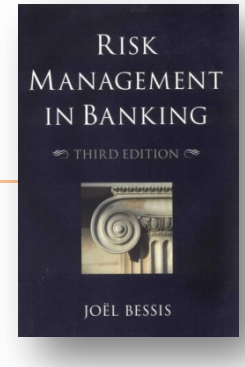
ISBN 978-0-19-967493-0

BESSIS, Jöel

**Risk management in banking**

Chichester: John Wiley & Sons, 2013. 821 p.

ISBN 978-0-470-0193-9

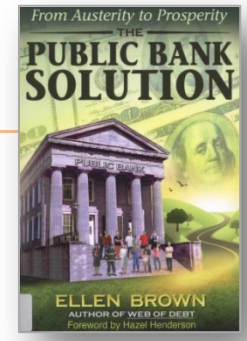



BROWN, Ellen Hodgson

**The public bank solution: from austerity to prosperity**

Baton Rouge: Third Millennium Press, 2013. 471 p.

ISBN 978-0-9833308-6-8

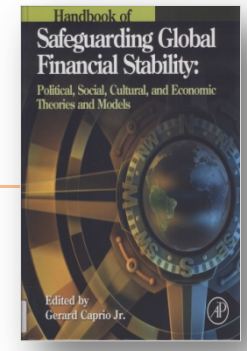



CAPRIO JUNIOR, Gerard; BACCHETTA, Philippe

**Handbook of safeguarding global financial stability: political, social, cultural, and economic theories and models**

Boston: Elsevier, 2013. 523 p.

ISBN 978-0-123-97875-2

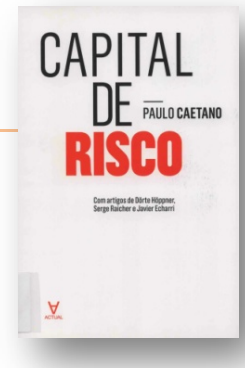



CAETANO, Paulo

**Capital de risco**

Coimbra: Actual, 2013. 138 p.

ISBN 978-989-694-036-2

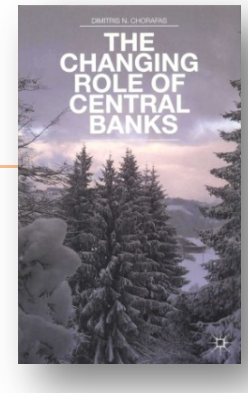



CHORAFAS, Dimitris N.

**The changing role of central banks**

New York: Palgrave Macmillan, 2013. 280 p.

ISBN 978-1-137-33627-9

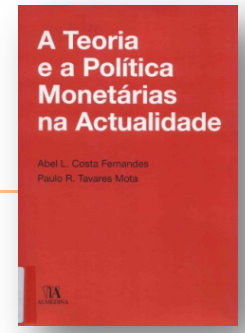


FERNANDES, Abel L. Costa; MOTA, Paulo R. Tavares

**A teoria e a política monetária na actualidade**

Coimbra: Almedina, 2013. 261 p.

ISBN 978-972-40-5314-1

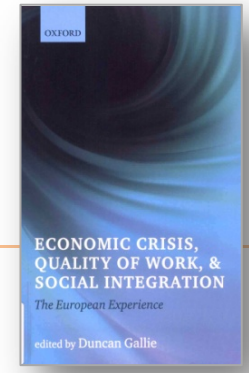



GALLIE, Duncan

**Economic crisis, quality of work, & social integration: the European experience**

Oxford: Oxford University Press, 2013. 342 p.

ISBN 978-0-19-966472-6

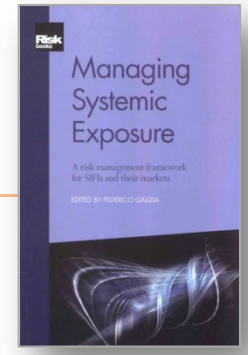



GALIZIA, Frederico

**Managing systemic exposure: risk management framework for SIFIs and their markets**

London: Risk Books, 2013. 270 p.

ISBN 978-1-78272-010-2




HAGENDORFF, Jens; KEASEY, Kevin

**Size, risk, and governance in European banking**

Oxford: Oxford University Press, 2013. 261 p.

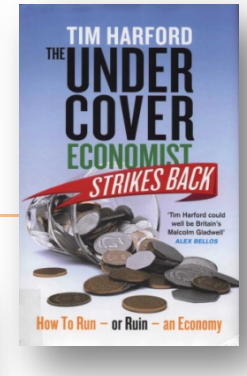
ISBN 978-0-19-969489-1

HARFORD, Tim

**The undercover economist strikes back: how to run – or ruin – an economy**

London: Little Brown, 2013. 307 p.

ISBN 978-1-4087-0424-0

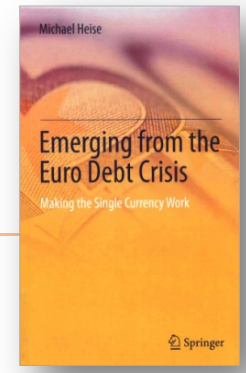



HEISE, Michael

**Emerging from the Euro debt crisis: making the single currency work**

Heidelberg: Springer, 2013. 123 p.

ISBN 978-3-642-37526-2




LAURSEN, Finn

**Designing the European Union: from Paris to Lisbon**

Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2012. 317 p.

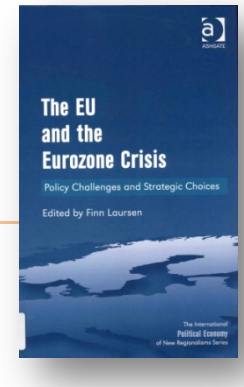
ISBN 978-0-230-36776-0

LAURSEN, Finn

**The EU and the Eurozone crisis: policy challenges and strategic choices**

Farnham: Ashgate, 2013. 215 p.

ISBN 978-1-4094-5729-9




NOLAN, Peter

**Is China buying the world?**

Cambridge: Polity Press, 2013. 147 p.

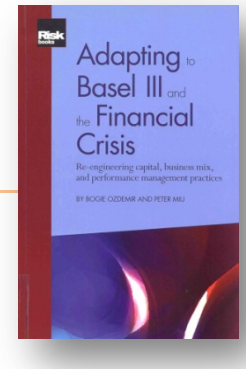
ISBN 978-0-7456-6079-0

OZDEMIR, Bogie; MIU, Peter

**Adapting to Basel and the financial crisis: re-engineering capital, business mix, and performance management practices**

London: Risk Books, 2012. 295 p.

ISBN 978-1-78272-000-3

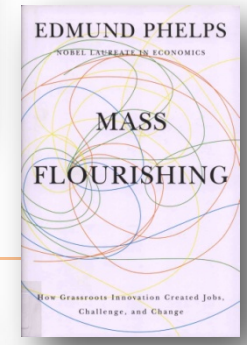



PHELPS, Edmund

**Mass flourishing: how grassroots innovation created jobs, challenge, and change**

Princeton: Princeton University Press, 2013. 378 p.

ISBN 978-0-691-15898-3

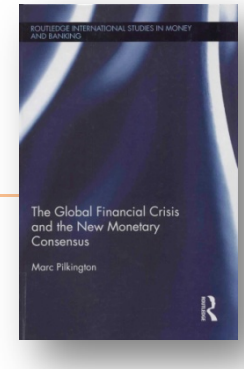



PILKINGTON, Marc

**The global financial crisis and the new monetary consensus**

London: Routledge, 2014. 269 p.

ISBN 978-0-415-52405-6

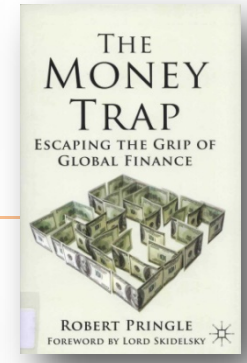



PRINGLE, Robert

**The money trap: escaping the grip of global finance**

Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2012. 300 p.

ISBN 978-0-230-39274-8

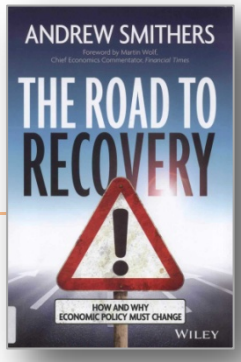



SMITHERS, Andrew

**The road to recovery: how and why economic policy must change**

Chichester: John Wiley & Sons, 2013. 279 p.

ISBN 978-1-118-51566-2



Conteúdos acessíveis na Sala de Leitura da Biblioteca do Banco de Portugal

## Central Banking

http://www.centralbanking.com

Esta página é um repositório de referência no que diz respeito à esfera de ação dos bancos centrais a nível internacional, disponibilizando notícias e artigos sobre diversos tópicos, desde a política monetária à gestão de reservas, passando pela supervisão bancária, estabilidade financeira ou sistemas de pagamentos, entre outros.

Na secção "News" o utilizador tem acesso a um fluxo constantemente atualizado de notícias, enquanto na secção "Features" podemos selecionar o tema que pretendemos pesquisar. Em "Opinion" é possível encontrar artigos da autoria de nomes proeminentes no panorama financeiro internacional e em "Interviews" surgem diversas entrevistas de banqueiros centrais sobre os mais diversos assuntos. Ao entrar em "Briefing Room", o utilizador tem acesso aos mais recentes discursos, documentos de investigação e comunicados no âmbito da banca central.

A permanente atualização dos conteúdos, bem como a pertinência e especificidade dos mesmos, transforma esta página numa ferramenta muito útil não só para os funcionários de bancos centrais, mas também para os interessados em compreender melhor o âmbito das funções destas organizações.



## The New Palgrave Dictionary of Economics

http://www.dictionaryofeconomics.com

O dicionário *online* de economia, "The New Palgrave Dictionary of Economics" é uma ferramenta dinâmica, vocacionada para economistas e que abrange uma vasta área do pensamento económico.

O dicionário apresenta-nos várias opções para aceder à informação. A pesquisa pode ser feita por palavra-chave, por títulos de artigos, bibliografias, resumos e simultaneamente por data. Na opção "browse" é possível navegar escrevendo apenas uma letra na caixa de pesquisa. Através de um clique numa das letras do alfabeto (de A a Z), pode-se selecionar o conceito (autor, título de artigo, acontecimento) que se pretende pesquisar. O resultado é apresentado numa lista onde consta a explicação do conceito e de outros relacionados, um *link* para um artigo sobre o assunto e bibliografia.

Podemos criar uma área personalizada para gravar pesquisas complexas, criar notas, marcar artigos relevantes, fazendo uma boa gestão do dicionário. Sempre que pretendemos recuperar uma pesquisa importante ou um artigo assinalado, basta situarmo-nos na nossa área personalizada, onde podemos ver todas as pesquisas e "bookmarks", bem como editá-las ou apagá-las.

Na secção "new content" podemos ver as últimas atualizações do dicionário e na secção "most accessed articles" encontramos os conceitos, autores ou artigos mais consultados.

BIBLIOTECA

MAIS DE 60 000 MONOGRAFIAS
MAIS DE 1500 TÍTULOS DE PERIÓDICOS
RECURSOS ELETRÓNICOS
RELATÓRIOS E CONTAS
INSTRUÇÕES DO BANCO DE PORTUGAL
LEGISLAÇÃO NACIONAL E COMUNITÁRIA
COLEÇÃO DE OBRAS IMPRESSAS ENTRE OS SÉCS. XVII E XIX
CONSULTA DE COLEÇÕES E OBRAS EDITADAS PELO BANCO DE PORTUGAL
ELABORAÇÃO DE PESQUISAS POR TÉCNICOS ESPECIALIZADOS
SERVIÇO DE FOTOCÓPIAS
ACESSO À INTERNET
DISPONIBILIZAÇÃO DE JORNAIS

Sala de Leitura
R. Francisco Ribeiro, 2
1150-165 Lisboa

ENTRADA LIVRE
De 2.ª a 6.ª feira
9.00 - 16.00
(entrada até às 15.00)

Tel: +351 213 130 705
Fax: + 351 213 128 116
biblioteca@bportugal.pt

www.bportugal.pt

Ficha Técnica

**Newsletter Biblioteca** | Banco de Portugal | Departamento de Serviços de Apoio | Núcleo de Documentação e Biblioteca
**Internet** http://www.bportugal.pt | Av. Almirante Reis, 71/2º - 1150-012 Lisboa
**Tiragem** 50 exemplares | **ISSN** 2182-9950 | **Depósito Legal** 362404/13